



CHUVA



Alvaro Augusto Cunha Rocha

PONTO DE VISTA : Minha janela apresenta a vantagem de ser um retângulo de céu. Acontece entretanto que hoje vieram muitas nuvens. Lentas, escuras, foram vindo e se detendo, e tranquilamente formaram um grande tóldo.

Ar cada vez mais tenso, mormaço opressivo sôbre ruas e casas, floridas, escolas, cemitérios. Ar enfiado. Vaga, mas crescente inquietação nas asas crespas de cada pássaro e mesmo em cada folha que oscila e se desprende perdidamente minúscula. Em tudo, este cheiro de pó. Nas esquinas estarão girando folhas secas em torno do eixo imaginário dos redemoinhos. Mormaço — que é muito da essência da terra pelas nuvens obesas e elétricas — nas moléculas suspensas, arrancadas com violência pelas rajadas quentes, da humilde rusticidade dos seixos, das grêtas da argila, dos arbustos e raízes.

Uma pequena explosão : a primeira gota espatulou-se contra o vidro : esparramou-se, deslizou suavemente até o caixilho, como lágrima. Depois outra, e mais outra. Gôtas. Clarões súbitos no céu. Vaga inquietação crescendo do fundo destes desejos recônditos e tantas vezes feridos, centelhas desenhando-se em grandes raízes instantâneas. Gôtas. Estrondos remotos insistindo numa importância que logo se perde no incomensurável. Vaga inquietação, saudade absurda de um tempo inexistido de saudades imortais e de tudo aquilo que bem poderia ter sido e não foi. Gôtas. Centenas, milhares, milhões de gôtas, a vidraça totalmente embaciada chorando o seu pranto de gôtas, que nem são lágrimas, clarões, gôtas, caindo em riscos que se unem e se fundem, e

se avolumam em imensas colunas líquidas, fustigadas, inclinadas em todos os sentidos, tomadas do desespero físico de constituírem exatamente isso : CHUVA

(Trecho do livro em preparo : "LUZES NO ASFALTO")